

O COTIDIANO



DA HISTÓRIA

*Carlos Guilherme Mota*

# Revolução Francesa



Revolução Francesa  
© Carlos Guilherme Mota, 1988

Este livro é dedicado aos professores e alunos  
que lutam pelas liberdades civis em nosso país.

O autor

Diretor editorial	Fernando Paixão
Coordenador	Mustafá Yazbek
Coordenadora editorial	Maria Dolores Prades
Editora assistente	Wally Constantino
Preparadores (Uma visão da História)	Reinaldo Seriacopi
Coordenadora de revisão	Gislane C. Azevedo
Revisora	Ivany Picasso Batista
	Beatriz Facincani Camacho

ARTE

Projeto gráfico	Marcos Lisboa
Editora	Suzana Laub
Editor assistente	Antonio Paulos
Editoração eletrônica	Moacir K. Matsusaki
Edição eletrônica de imagens	Cesar Wolf
Pesquisa iconográfica	Etoile Shaw

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA FONTE  
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

M871r

Mota, Carlos Guilherme, 1941-  
Revolução Francesa / Carlos Guilherme Mota ; ilustrações  
Jayme Leão. - 12.ed. - São Paulo : Ática, 2004.  
40p. : il. (O cotidiano da história)

ISBN 978-85-08-09054-9

I. França - História - Revolução, 1789-1799 - Literatura  
infantojuvenil. I. Título. II. Série

11-3476.

CDD: 940.04

CDU: 94(4)"1789/1799"

ISBN 978 85 08 09054-9 (aluno)

ISBN 978 85 08 06461-8 (professor)

2012

12ª edição

9ª impressão

Impressão e acabamento:

Todos os direitos reservados pela Editora Ática  
Av. Otaviano Alves de Lima, 4400 - CEP 02909-900 - São Paulo, SP  
Atendimento ao cliente: 4003-3061 - atendimento@atica.com.br  
www.atica.com.br - www.atica.com.br/educacional

**IMPORTANTE:** Ao comprar um livro, você remunera e reconhece o trabalho do autor e o de muitos outros profissionais envolvidos na produção editorial e na comercialização das obras: editores, revisores, diagramadores, ilustradores, gráficos, divulgadores, distribuidores, livreiros, entre outros. Ajude-nos a combater a cópia ilegal! Ela gera desemprego, prejudica a difusão da cultura e encarece os livros que você compra.



O COTIDIANO DA HISTÓRIA



EDIÇÃO  
REFORMULADA  
E AMPLIADA

# Revolução Francesa

*Carlos Guilherme Mota*

*Historiador, ensaísta e professor-titular de História  
Contemporânea da Universidade de São Paulo.  
Professor da Universidade Presbiteriana Mackenzie e membro do  
Instituto de Estudos Avançados da Universidade de São Paulo.*

*Ilustrações  
Jayme Leão*

**ea**  
editora ática

# Apresentação

A narrativa contida neste livro aborda um dos momentos mais críticos da História da humanidade. No final do século XVIII, que ficou conhecido como século das Luzes e da Razão, as massas populares tomaram o poder na França. A dinastia absolutista dos Bourbons foi deposta, e Luís XVI, guilhotinado, enquanto nobres da Corte fugiam ou eram também guilhotinados. A Revolução Francesa, assim, pôs abaixo o poder aristocrático e liquidou definitivamente um sistema de produção baseado na servidão.

A Revolução Francesa deu início a um novo período na História do Ocidente. Redefiniu-se desde então, de maneira decisiva, sua vida social, econômica, política e cultural.

Conduzida pela burguesia e amplamente apoiada pela população, a Revolução tem seu início marcado pela derrubada, em Paris, da fortaleza-prisão da Bastilha, símbolo do Antigo Regime, no dia 14 de julho de 1789.

Acompanhe agora, nesta história, a experiência vivida por Joaquim, um estudante brasileiro de direito, que chegou a Paris justamente nos momentos iniciais da Revolução Francesa. Ali, acaba conhecendo algumas das pessoas que desempenharão importante papel na História da França, como Jean-Paul Marat, Robespierre, Danton, Graco Babeuf e convive em um ambiente no qual são discutidas novas ideias para a época, como a extinção da propriedade feudal, o fim da servidão, a distribuição da riqueza e o respeito aos direitos dos cidadãos. Os dez anos que o rapaz passará em Paris serão importantíssimos para sua formação intelectual e o ajudarão, inclusive, a refletir sobre a situação brasileira, que nesse período também passava por uma série de conflitos econômicos, sociais e políticos.

# Sumário

## *Revolução Francesa*

---

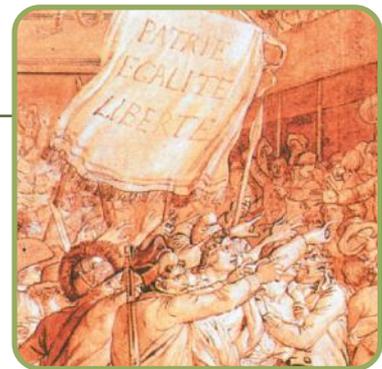
- 4* Naquele difícil ano de 1789...
- 5* Tempo de mudança
- 10* A queda da Bastilha
- 14* Na Paris revolucionária
- 18* Os amigos da Revolução
- 22* Os inimigos da Revolução
- 26* O fim da Revolução



## *Uma visão da História*

---

- 29* Introdução
- 30* Uma transformação radical
- 35* As fases da Revolução
- 38* Uma revolução burguesa
- 40* Cronologia



# 1

## Naquele difícil ano de 1789...

*A*pós várias semanas de travessia do Atlântico, o navio inglês Aragon entrava finalmente no rio Tejo, alcançando o belo porto de Lisboa. Era abril, mês em que a primavera dava um colorido especial às casas e aos armazéns lisboetas, destacando a praça do Comércio construída pelo marquês de Pombal, o reformador português.

“Finalmente vou pisar em terras europeias”, pensou o jovem estudante paulista Joaquim dos Santos Novais, que se dirigia a Coimbra, onde completaria seus estudos.

A capital do império colonial português era faustosa, muito diferente da cidade natal de Joaquim.

“Nem posso comparar isto aqui com minha rústica São Paulo. Não há negros nem índios nas ruas, e nem gente descalça...”

Mas mesmo um recém-chegado como ele era capaz de perceber que havia algo inquietante no ar. O todo-poderoso marquês de Pombal – ministro ilustrado do rei José I, que morrera anos antes – fora sucedido por Dona Maria I, a Louca. O destino do imenso império português era uma incógnita. As notícias de perseguição política preocupavam a todos, lembrando o clima tenso que Joaquim deixara no Brasil, logo após a inconfidência de Minas Gerais. Por toda parte temia-se pelos destinos dos reformistas e revolucionários, em virtude da virada conservadora que colocava em perigo muitos amigos portugueses de Joaquim. Seus planos para a temporada de estudos em Coimbra tinham de ser revistos imediatamente.

– Ficar aqui não é seguro... Siga viagem para Paris, onde nós temos amigos, Joaquim – disse-lhe o professor Vítor de Magalhães, um dos mestres que iriam orientar o jovem brasi-

leiro. – Depois que foi descoberto o plano da revolução separatista em Vila Rica, os brasileiros que vêm a Lisboa são vistos como suspeitos e seguidos pela polícia da Louca. Em Paris temos amigos que o receberão muito bem... Tome, leve esta carta de apresentação... É para Jean-Paul Marat, um jornalista muito popular, inimigo declarado de Luís XVI. Vá logo, apresse-se. Pegue suas malas na pensão e embarque enquanto é tempo: há um navio francês que vai para o porto de Nantes de manhãzinha. Dali a Paris é um pulo! Boa sorte, meu rapaz!

Joaquim, que deixara a casa do pai, administrador de um decadente engenho de açúcar, para estudar Direito na metrópole, mais uma vez procurava reunir ânimo e algum dinheiro para mudar de vida. Sua situação financeira não era boa e as disputadas passagens para os portos franceses estavam caras. Sem alternativas, suspeito de ser um foragido político, embarcou na apertada fragata Liberté.

A bordo, outro choque, o assunto não variava: todos falavam da sucessiva troca de ministros das finanças de Luís XVI, da carestia e das más colheitas. Joaquim, que aprendera francês com seu avô, leitor entusiasta do irônico Voltaire e do radical Rousseau, acompanhava as discussões que envolviam todos os passageiros: cidadãos comuns, artistas de uma companhia de teatro, garçons, a tripulação e o próprio comandante. Sentia-se maravilhado com a liberdade de tais discussões e com a clareza de argumentos, por vezes conflitantes e exaltados.

“No Brasil todo pensamento novo é abafado – refletia Joaquim. Lá até para se dizer ‘gato’ evita-se a palavra direta, preferindo dizer: felino com pelos sedosos.”

Dias depois, em Nantes, porto agitado onde todos falavam dos tumultos de rua ocorridos em janeiro, Joaquim tomou uma caleça de aluguel, partindo para Paris. Depois de dois dias de viagem por estradas esburacadas, e com o ar frio entrando constantemente pelas janelas, a carruagem chegou à aldeia de Le Mans. Ali, um outro passageiro veio se juntar

ao grupo: um jovem senhor de cabelos precocemente grisalhos e olheiras profundas. Joaquim, surpreso, não se conteve:

– Dumas! É você, Dumas!

O rapaz precisou respirar fundo para recuperar-se da surpresa. Ele acabara de reconhecer Antoine Dumas, um francês amigo de sua família, que há muito passara por São Paulo em busca de novos negócios.

– Que feliz coincidência, Joaquim! – disse-lhe, depois dos cumprimentos, o novo passageiro da carruagem. – Eu trabalhava num escritório em Saint-Malo, na Bretanha, o velho centro de pirataria especializado no comércio com as colônias, inclusive com o Brasil. Mas a coisa piorou muito. Os ânimos estão exaltados contra Paris. Sobretudo no Haiti, onde se prepara uma revolução, sabia?

– Não. Conte-me!

– O líder é um tal de Toussaint-Louverture. Imagine você, Joaquim: um general negro comandando ex-escravos! É inacreditável!

A viagem prosseguia. A cada parada de descanso Joaquim confirmava o que já vinha percebendo: o mal-estar geral. Todos reclamavam da situação, os funcionários do governo já não tinham mais argumentos para defender o rei, a rainha e a dispendiosa corte. A burocracia era demasiada em toda parte: na cobrança dos impostos, no controle dos passaportes, afetando em especial os servos e as pessoas simples.

– É a canalha! Esse povinho sujo e arrogante é quem estraga o reino! – rosnava um nobre todo emperucado, sentado ao lado de Joaquim. Suas roupas brilhantes e seu perfume acentuavam a arrogância com que tratava os outros, sobretudo os estrangeiros. O sonho do brasileiro com a terra das Luzes, dos deliciosos vinhos e patês estava já muito abalado.

Encolhido junto à janela fria, Joaquim ponderava:

“O tempo é de revolta: não são apenas os mineiros no Brasil, ou os ex-colonos na América do Norte, mas também nas Antilhas... e aqui, na França. Aquele padre francês que passou por São Paulo há anos tinha razão ao dizer que tudo está mudando e deve mudar ainda

mais... Fora o que ele dissera naquele dia no fim da missa, na igreja do Carmo. E ainda me lembro quando comentou, na taberna da rua Tabatinguera onde fomos cear, a respeito da situação revolucionária do Peru, onde um tal de Tupac Amaru levantava os povos...”

Absorto nesses pensamentos e procurando ligar os fatos, Joaquim meditava. Quando passaram por Chartres, Joaquim estava acordado, e maravilhou-se com a rápida visão da famosa catedral medieval, que lhe encheu os olhos.

Aproximavam-se já de Versalhes, nas proximidades de Paris, onde Luís XVI instalara a corte francesa. A carruagem percorreu a cidade, passando pelo imponente palácio local com suas grades douradas. Depois parou num pequeno restaurante na estrada, onde os passageiros foram atendidos por servos silenciosos, nitidamente apavorados.

– Está havendo algo de muito estranho por aqui – observou Joaquim.

– É a revolução... – respondeu Antoine com um leve sorriso.

## 2

### *Tempo de mudança*

O brasileiro estava espantado. O contraste entre as discussões livres no navio francês que o trouxe de Portugal e o silêncio temeroso do restaurante o fez pensar em outro contraste: a opulência do palácio de Versalhes e de alguns castelos ao longo do caminho chocava-se com a miséria dos camponeses que pediam esmolas e comida nas estradas.

Após algumas horas de viagem, finalmente chegaram a Paris. Percorrendo ruas bem calçadas, com edificações antigas e cuidadas, a todo momento Joaquim deslumbrava-se.

– Cá estou, num dos maiores centros culturais do mundo! – exclamou, descendo da car-